



Cruls escolhe local para a nova capital

Luiz Cruls relatando sua missão como Chefe da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, já revelava as vantagens do clima do planalto goiano, onde "nunca é excessivo nem o calor, nem o frio", e o ar puro faz, à noite, correr uma brisa constante, referendando, assim, observações de Saint Hilaire. A estes fatores favoráveis do meio-ambiente planáltico, Cruls juntava a potabilidade das águas e a periodicidade das estações do ano.

Quando em 1894, indicado por Floriano Peixoto para escolher, na área que demarcara no Planalto, o local para ser edificada a nova Capital brasileira, chefiando, então, a Comissão de Estudos da Nova Capital da União, o consagrado homem de ciência quis constatar, cientificamente, aquelas observações anteriores da Comissão Exploradora. E, para tanto, instalou num dos pontos da área retangular do novo Distrito Federal, um Observatório Meteorológico que funcionou durante todo o ano seguinte de 1895.

Este Observatório Meteorológico foi montado nas proximidades do Acampamento de Cruls, a cerca de 5 quilômetros do local onde hoje existe o Cruzeiro de Brasília. Sua chefia foi confiada ao engenheiro militar João José de Campos Curado.

Durante todos os dias e noites do ano de 1895, a segunda Missão Cruls ao Planalto fez os registros diários das temperaturas máximas e mínimas, o grau de umidade relativa do ar, a velocidade e a direção dos ventos, o grau hidrométrico das chuvas etc.

Equipamentos os mais sofisticados, à época, foram postos em uso no Planalto Central: termômetros, barômetros, psicômetros, anemômetro e o auxílio de um cata-vento.

Enquanto isso, o botânico A. Glaziou realizava importantes observações sobre os locais mais próprios para ser edificada a nova Capital brasileira, tendo em vista as melhores condições de habitabilidade ao homem.

O CLIMA: OBSERVAÇÕES

Habitualmente, no Quadrilátero Cruls, na região onde finalmente foi construída Brasília, o período de chuvas começa mesmo é em outubro. Todavia, no ano de 1895, quando a Comissão realizou as observações meteorológicas, as chuvas se anteciparam em um mês, ou seja, começaram a cair forte em setembro-conforme observa o engenheiro Campos Curado.

Pelos resultados das experiências meteorológicas, Campos Curado chegou às seguintes conclusões:

-Setembro, novembro e fevereiro são os meses de chuvas mais constantes; todavia, é em janeiro quando as precipitações são mais fortes.

-O mês de trovoadas é outubro.

-E em maio quando se registra os maiores nevoeiros, seguindo-se os meses de janeiro e setembro.

-O orvalho cai mais intensamente, e num crescendo, nos meses de maio, junho, julho e agosto, sendo neste último a sua maior intensidade para desaparecer nos meses seguintes, de chuva.

-A média anual da temperatura de 19,45 graus, veio coincidir com a média encontrada pela Comissão Exploradora, que achou, pela Fórmula Liais, a temperatura de 19,5 graus. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a média fora de 23,45 graus.

-Os ventos dominantes durante o ano vêm do Sudeste, com exceção do mês de janeiro que vêm do Noroeste.

-Quando os ventos procedem do Oeste é sinal de chuva persistente. Quando vêm do Nordeste, é chuva com pancadas.

-A temperatura média mais alta ocorre no mês de dezembro, com 21,4 graus. E a mais baixa em junho com 15,6 graus. As temperaturas máximas, ao longo do ano, estão na casa dos 27,9 graus. No Rio de Janeiro fora de 31,51 graus.

-Quanto às temperaturas mínimas, existe muita variação: de setembro até março, período das chuvas, a média das temperaturas mínimas fica na casa dos 12 graus. Mas, já em abril baixa para 8 graus e, em junho, chega até a zero grau, elevando-se a partir de julho.

-A pressão atmosférica não sofre influências, mantendo-se sempre no mesmo padrão.

-A umidade relativa do ar mantém-se na faixa dos 80%, de setembro a março, no período das chuvas, e começa a cair a partir de abril para, finalmente, em agosto, atingir o seu ponto mais baixo: cerca de 60%. (Quando a estiagem se prolonga até setembro, neste mês atinge 50%). O mesmo ocorre com a tensão do vapor.

-A maior incidência de evaporação ocorre no mês de agosto, seguido do mês anterior, o de julho. Nos demais meses do ano mantem-se em equilíbrio.

-O maior número de horas de sol, durante o ano, ocorre nos meses de maio e junho e dezembro. Em setembro é quando há menos sol, seguido dos demais meses do período chuvoso, com exceção de dezembro.

-O maior índice de nebulosidade, no céu, registra-se durante o período de chuvas, notadamente em setembro. Durante o mês de agosto quase não há nebulosidade.

Estas observações de Campos Curado foram feitas tendo em vista a coincidência de ter o período de chuvas se iniciado em setembro, com uma antecedência de um mês, o que habitualmente não ocorre, pois as chuvas começam realmente a cair, no Planalto Central, é em outubro. Suas observações, quanto ao tempo, tornar-se-ão mais válidas se deslocarmos o período inicial das chuvas de setembro para outubro.

OUTRAS REVELAÇÕES

Campos Curado conclui, pelas observações feitas, que o clima do quadrilátero do novo Distrito Federal deve-se-ia chamar de subtropical; contudo, face à altitude da região, a temperatura média anual e a periodicidade das chuvas, deve-se-á chamá-lo de clima temperado -doce.

E faz, ainda, as seguintes revelações:

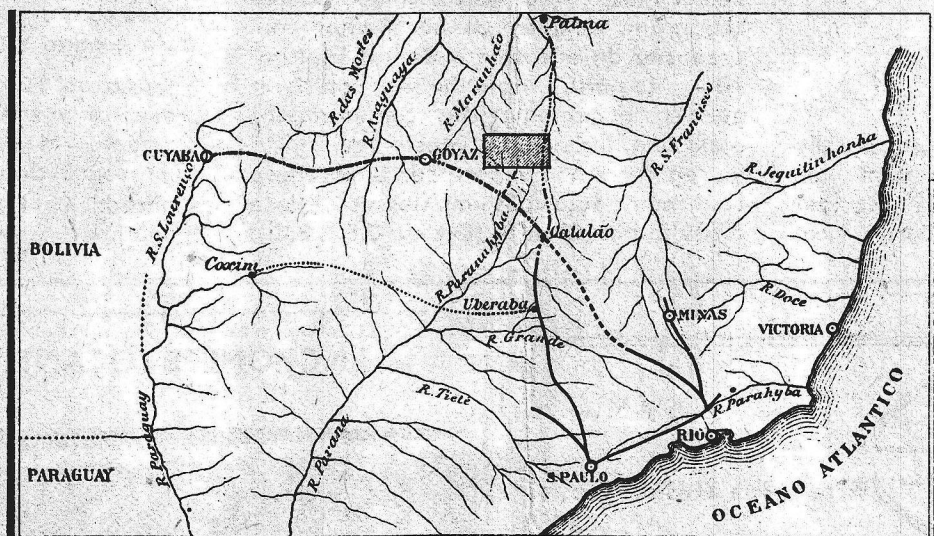
-A velocidade do vento é geralmente fraca, não excedendo a cinco quilômetros horários nas poucas rajadas que aparecem durante o ano, e se mantém na média de dois quilômetros por hora. A ventilação fraca é uma constante, só se acentuando um pouco nas horas cálidas do dia. O vento sopra das 8 às 4 da tarde, principalmente.

-O estado do céu e a limpidez atmosférica ferem a atenção, o que permite com instrumentos menos poderosos ver-se astros que noutras partes do Brasil são necessários instrumentos de precisão.

-Também é interessante registrar a ausência quase absoluta de nuvens à noite em certas épocas do ano, o que permite chamar de sereno este clima.

-O Céu, de uma beleza notável, carrega-se pela manhã de nuves a Leste, passando elas pelo Zenith nas proximidades do meio dia, para, à tarde, acumularem-se pelo lado Oeste de, afinal, desaparecerem quase que totalmente, descendo a nebulosidade a zero como que parecendo fazer cortejo ao sol.

-Só em agosto e durante ele é que aparecem os nevoeiros secos de fumaça que turvam o ar atmosférico.



As linhas férreas para o Planalto Central sugeridas por Luiz Cruls

-Para Campos Curado, o clima da região é saluberrimo. Durante mais de um ano, no Acampamento, não surgiu nenhuma doença.

AS TERRAS DO DF

Os estudos de Eugênio Hussak, da Comissão Exploradora, quanto ao solo do Planalto Central foram praticamente ratificados pelo geólogo da Comissão de Estudos da Nova Capital, Francisco de Paula Oliveira.

Assim, a predominância do xisto argiloso foi novamente identificada, bem como o grés e o micaxisto, e o calcário.

Paula de Oliveira percorreu praticamente toda a região do quadrilátero e uma de suas tarefas foi a de estabelecer o nivelamento do leito do São Bartolomeu, onde verificou que ao longo de um percurso de 140 quilômetros o rio desce apenas 130 metros, o mesmo não ocorrendo com o Corumbá que num percurso de 150 quilômetros desceu 230 metros.

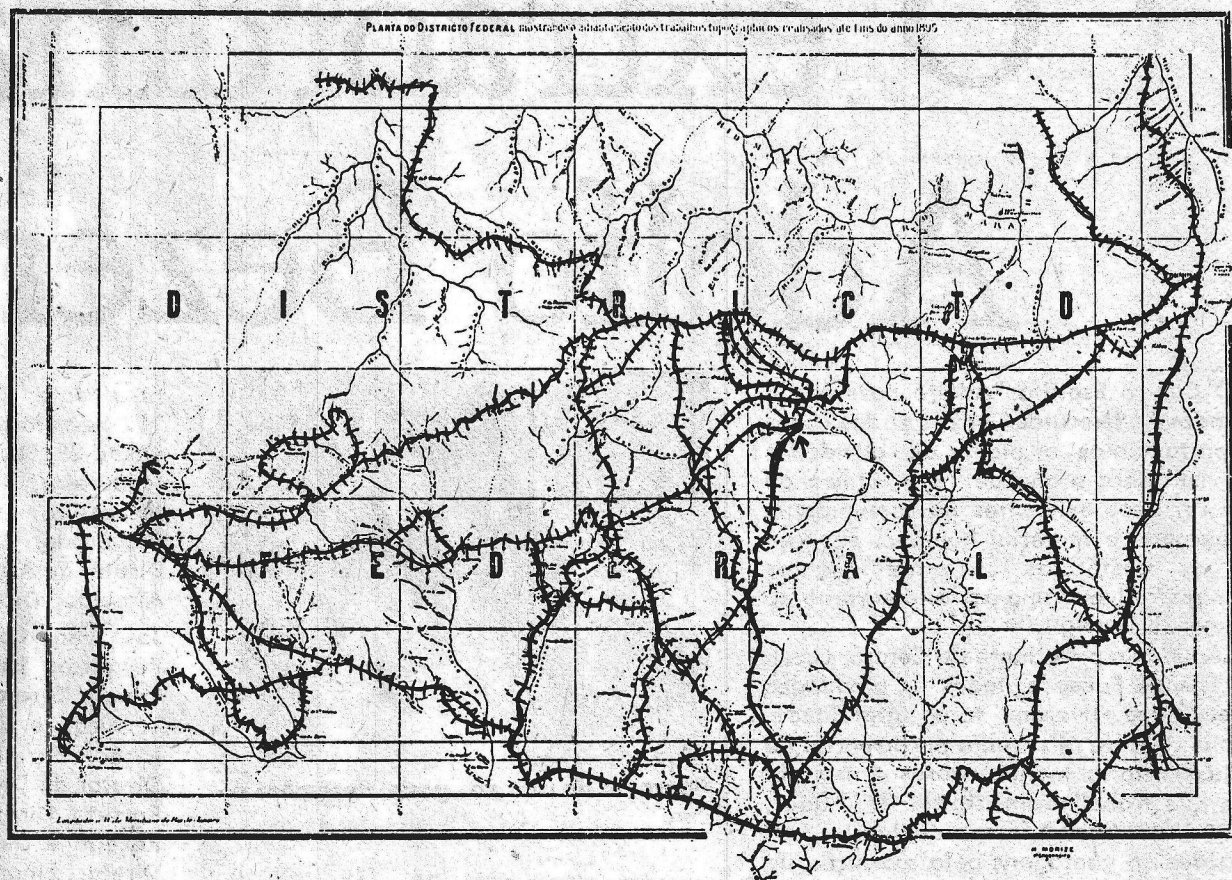
As revelações de Oliveira de 1894/95 pouco acrescentaram aos estudos de Hussak, dois anos antes.

UMA "BELÉM-BRASILIA"

Atendendo recomendação do Governo de Floriano Peixoto, Cruls designou uma turma sob a chefia do engenheiro militar Antonio Cavalcanti para fazer o reconhecimento de um itinerário interligando o local da nova Capital até Belém do Pará, antevendo uma via ferro-fluvial, com o aproveitamento das bacias do Araguaia e Tocantins.

De Pirenópolis atingiu Goiás (ex-Capital goiana) e dali, pelo rio Vermelho, chegou ao Araguaia e, depois, ao Tocantins para, finalmente, aportar em Belém, no Pará.

O Araguaia não oferecia condições favoráveis de navegação em todo o seu curso face ao grande número de cachoeiras e travessões, o que tornou



O primeiro mapa do Distrito Federal, no Planalto Central, com data de 1895. Nos estudos da Comissão Cruls foram "varridos" (linhas entrecortadas) cerca de dois mil quilômetros a cavalo.

bastante penosa a viagem de Cavalcanti. Cruls, porém, foi de opinião que, quando fosse oportuno transportar tais obstáculos, seria conveniente a ligação da nova Capital à Belém com acesso da Capital federal a Goiás através de um ramal ferroviário a ser construído ligando o Quadrilátero à Capital goiana, de onde alcançaria o curso do Araguaia-Tocantins.

A viagem da turma de Antonio Cavalcanti, da qual Morize participou, durou 15 dias ao longo dos meses de junho a setembro de 1895.

ESTRADAS DE FERRO

Com base nos levantamentos feitos pelos engenheiros James João Mellor, Colin Freitas e Conreiras Martins, e fundamentando-se, ainda, em conhecimentos próprios e nos reconhecimentos que as duas Comissões - Exploradora e de Estudos fizeram nas regiões planálticas, Cruls sugeriu e traçou algumas vias férreas rumo ao Planalto Central até atingir o Quadrilátero do DF através de um ramal ferroviário.

A mais significativa seria a interligação ferroviária de Catalão, onde já chegava a EF Oeste de Minas, até a cidade de Goiás, Capital do Estado, passando por Entre Rios (Ipameri) e Bonfim (Bonfinópolis). De Goiás-Capital chegaria a Cuiabá, Capital de Mato Grosso, percorrendo um extenso chapadão e tendo de romper apenas um rio de maior extensão, o Araguaia. Através de ramal ferroviário percorrendo o vale do Rio São Bartolomeu, atingiria Santa Luzia (Luziânia) e, depois, a área da nova Capital.

residência e ponto de encontro da Comissão e centro das observações meteorológicas, a planície abraçada pelos rios Torto e Gama, localizando tal acampamento à beira do Córrego Brejo (hoje Córrego Acampamento), na confluência com o rio Torto. E, esta é hoje a região onde se situa o Plano Piloto de Brasília.

XXX

O botânico A. Glaziou, que acompanhou Cruls em sua segunda missão ao Planalto, pensou em vários locais, enquanto viajava pelo Quadrilátero: o aprazível vale da Fazenda Chico Costa, nas nascentes do Descoberto; o chapadão entre o córrego Jatobá e o rio das Pedras, nas circunvizinhanças do local onde hoje existe o Lago Artificial do Descoberto, entre Ceilândia e Brazlândia; e a região planáltica de Ponte Alta, vizinha do Gama e onde o DASP constrói hoje a Cidade de Ponte Alta.

Mas, de jornada em jornada, estudando tudo, o naturalista Glaziou diz que chegou ao local anunciado por Cruls para servir de Acampamento e viu um "vafíssimo vale banhado pelos rios Torto, Gama, Vicente Pires e riacho Fundo" que lhe "impressionou profundamente pela calma severa e magestosa", nada mais tendo visto que fosse comparável quer pela qualidade do solo, quer pelas vantagens das águas, quer pelo clima, quer pelo conjunto da paisagem.

Luiz Cruls também já se definira, com certa reserva, pelo mesmo local. Antes de uma conclusão final sobre os estudos que eram realizadas, e que finalmente não foram concluídos por falta de recursos orçamentários, Cruls, no final de 1895, num relatório preliminar, admite que sob o ponto de vista de qualidade, abundância d'água, natureza e topografia do terreno, salubridade e condições climatológicas, é provável que esta escolha se fixe definitivamente quer na região compreendida entre os rios Gama e Torto (onde hoje está o Plano Piloto de Brasília), quer no vale do Rio Descoberto.

XXX

INSPIRAÇÃO SUBLIME

As impressões do naturalista A. Glaziou, botânico da Comissão de Estudos da Nova Capital do Brasil, vieram coincidir com as observações anteriormente feitas pelos membros da Comissão Exploradora do Planalto Central, seja por Luiz Cruls, que chefiou as duas Comissões, seja pelo botânico Ernesto Ule, seja pelo naturalista Cavalcanti de Albuquerque ou seja pelo médico higienista Antonio Pimentel.

Para Glaziou, a região do quadrilátero é situada em terrenos de um aprazível acidentado que "pode ser percorrido em todos os sentidos" e é favorecida pelo melhor dos climas: calmo e regular.

Agora que tenho a dita de viver sob o clima ameno do Planalto - afirma Glaziou e a Cruls -, cada dia o acho melhor pela temperatura perfeitamente constante, a leveza e pureza do ar: aí tudo é amável e calmo.

XXX

Referindo-se à planície em cuja área Cruls instalou o Acampamento da Comissão (e hoje é o Plano Piloto de Brasília), Glaziou declara que "quase diariamente" percorre "ora uma parte ora outra deste calmo território" e dessas excursões volta "sempre encantado", e acrescenta:

...em vezes a repeti, quase sempre a pé, para facilidade das observações, em todos os sentidos e sem a menor fadiga, tão benéfica é a amenidade da atmosfera.

Assim, Glaziou formou a mais franca e sólida convicção de que é perfeita a salubridade do clima desta vasta planície, e que não conheceu "no Brasil Central lugar algum que lhe possa comparar em bondade".

XXX

O naturalista A. Glaziou percorreu cerca de 700 quilômetros em trabalhos de exploração e pesquisa. E descrevendo o local onde hoje se localiza Brasília, assim o define:

"Esta planície imensa, de superfície tão suavemente sinuosa, é riquíssima de cursos de água límpida e deliciosa que manam da menor depressão do terreno. Essas fontes, como os grandes rios que regam a região, são protegidos por admiráveis capões aos quais nunca deveria golpear a machada do homem, senão com a maior circunspeção. São magníficos de verdura os pastos e certamente superiores a todos os que vi no Brasil Central.

Estes aspectos "dão à paisagem o aspecto mais aprazível e de que não há nada comparável, a não ser, em miniatura, os antigos parques ingleses", confessa Glaziou para, ao final, atribuir tudo o que vira e observara à inspiração de um artista sublime".